



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

OS VESTÍGIOS NO ESPAÇO CONTAM HISTÓRIAS QUE NÃO ESTÃO ESCRITAS SOBRE ITAPUÃ

GUSTAVO SENA DE ALMEIDA SANTIAGO¹

Resumo: Tendo em vista as diversas dimensões presentes nas construções dos territórios, que na maioria das vezes não são reconhecidas, utilizo a Ficção Visionária como uma ferramenta de suporte para a criação de novas perspectivas, baseada nas evidências presentes no espaço. Diante disto, apresento uma breve contextualização histórica sobre os primeiros processos de ocupação de Itapuã. Em seguida sobre a questão do epistemicídio da população negra e indígena do bairro. Ressalto que uma das consequências disto, são as informações restritas sobre o Quilombo do Buraco do Tatu, que narram o local somente como um ambiente derivado de conflitos. Entretanto ressalto que os quilombos são sobretudo, espaços de resistência cultural, aonde tanto negros, como indígenas, quanto homens brancos pobres poderiam encontrar uma vida digna. A partir da proposta da Walidah Imarisha crio, um conto elaborado com o auxílio de alguns vestígios encontrados em meu cotidiano como morador da região, e proponho um Passado Visionário, que estipula a localização do extinto quilombo e possibilita novas interpretações sobre ele.

Palavras-chave: Buraco do Tatu, Ficção, Itapuã, Quilombo.

INTRODUÇÃO

Durante a minha infância eu fui aquele menino curioso que, sempre queria saber o porquê de todas as coisas. Essa característica permanece comigo até os dias de hoje, ao ponto de trilhar o rumo que acabei tomando em minha vida profissional. Fui atraído a estudar Arquitetura e Urbanismo, principalmente por poder conhecer como as cidades surgiram e formaram esse mundo que vivemos hoje.

No período em que eu estava chegando no final da graduação, mesmo conhecendo diversos planos urbanos e a história de várias cidades de algumas partes do mundo, me surgiu um novo questionamento que não foi respondido ao chegar na conclusão da grade do curso. E está questão é a seguinte: Mas e o bairro de Itapuã, lugar que eu sempre morei, como surgiu?

Essa inquietação é pouco narrada nas canções conhecidas sobre o Itapuã, mas alguns pontos estão presentes na memória de alguns moradores e presente no espaço físico. A narrativa sobre a história do bairro se divide em uma série de camadas, que me fizeram

¹ Gustavo Sena de Almeida Santiago Arquiteto e Urbanista pela UNIRUY e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. E-mail: arqgustavosantiago@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

permanecer na academia para juntar estes fragmentos, aonde venho aprofundando e desenvolvendo na minha dissertação do Mestrado². Neste artigo, me restrinjo ao debate sobre os vestígios da presença do extinto quilombo do Buraco do Tatu no bairro de Itapuã.

Então, para começar trago uma breve contextualização sobre o bairro. Itapuã é uma palavra do vocabulário indígena Tupi-Guarani, que em português significa “Pedra da Ponta”. Entretanto, muitos confundem a tradução com “pedra que ronca”, devido ao som que era produzido provocado pela movimentação das marés, nas cavidades da pedra que deu nome ao bairro. (DÓREA, 1999, P. 24)

Os primeiros registros relatam que Itapuã era habitada por índios Tupinambás, em uma aldeia às margens do extinto Rio Tarari, região em que atualmente encontramos o Colégio Governador Lomanto Junior. Em seu livro “Itapuã: da ancestralidade africano-brasileira” (2012), Luz relata que no cotidiano de Itapuã, é possível perceber que as políticas genocidas do período colônia, não conseguiram apagar totalmente os valores culturais herdados dos Tupinambá, definido por ela como os povos inaugurais.

Durante o século XVI, nos primeiros anos da colonização, a permanência dos homens brancos na Vila Velha dos Caboclos, como passa a ser conhecida a localização do bairro de Itapuã, ocorreu com a construção de um sobrado próximo a esta aldeia, que tinha a finalidade de criar um ponto de observação dos navios que se aproximavam da costa, evitando assim que ocorressem invasões. (SALVADOR, 1977, P.5)

É bem sintomático que o Centro Social Paroquial Monteiro Mario Rebuffoni e a Casa Betânia que moram umas Freiras, ambas voltadas para atender as atividades da Igreja Católica, fiquem nesta região próxima ao Colégio Governador Lomanto Júnior, local citado como referência da presença indígena. Outro ponto interessante é que nas imediações ao colégio também possui uma casa com um muro de arrimo na fachada externa e outras partes de sua construção semelhantes aos fortes antigos da cidade de Salvador. Além disto, ainda contém em sua fachada a seguinte inscrição – Morro do

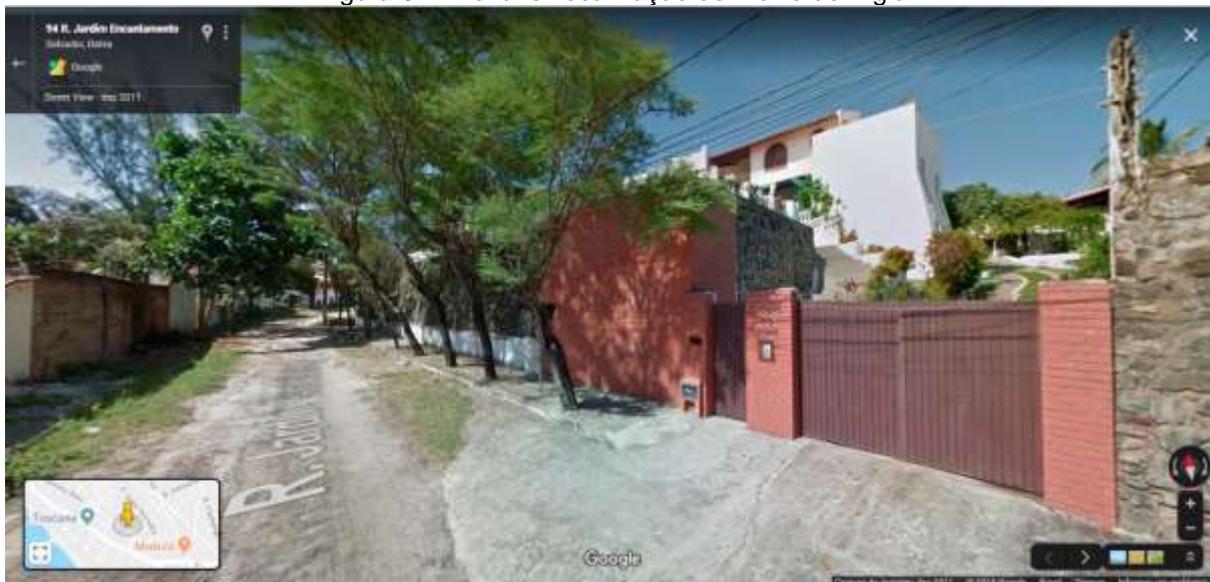
² Esta dissertação de Mestrado tem como: título Arquivo das transformações do espaço do bairro de Itapuã. Desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, na Área de Concentração do Urbanismo, na Linha de Pesquisa dos Processos Urbanos Contemporâneos, orientado pela Doutora Gabriela Leandro Pereira.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Vigia. O que nos leva a remeter ao antigo casebre, instalado para a vigilância da costa citado anteriormente.

Figura 01: Provável localização do Morro do Vigia



Fonte: Google Maps

A localidade do bairro de Itapuã foi uma das primeiras doações de sesmeiras do Brasil, tornando-se território da população de Salvador em 1552, devido a decisão de Tome de Souza e do conselho de Casa de Vereação. A Casa do município passou a ter a posse desde a localidade do atual bairro do Rio Vermelho até as margens do rio Joanes, localizado ao norte de Salvador. Com isso houve a vinda e instalação de colonos na região da atual Praça Dorival Caymmi, que passaram a movimentar a renda local através da carpintaria naval, pesca da baleia e da marcenaria. O óleo extraído das baleias era exportado e utilizado para iluminar da cidade até 1768, gerando enormes lucros para os colonos (SILVA, 1993, P. 117).

Esses pontos são bem conhecidos, mas e a presença negra? Não havia neste período inicial da história de Itapuã? Através dos estudos de Schwartz (2001, P.235) encontramos o relato de que o Quilombo do Buraco do Tatu, situava-se a leste-nordeste de Salvador nas proximidades da atual Praia de Itapuã e região de Ipitanga. Já Moura (2004), cita a pesquisa de Tomás Pedreira (1962), relatando que o Quilombo do Buraco do Tatu, foi fundado em 1743 e encontrava-se a doze quilômetros da Cidade de Salvador. O Quilombo possuía um sistema defensivo bastante eficiente com armadilhas alocadas



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

entre a vegetação que ficava em seu entorno, para dificultar o ataque de repressão dos capitães do mato. Ao mesmo tempo, essa estrutura permitia o ataque constante as pessoas que estavam de passagem para a capital, além de realizar furtos em pequenas propriedades nas regiões próximas. O Quilombo do Tatu teve seu fim em 2 de setembro de 1763 devido à ordem de destruição dada pelo governo interino da Bahia, que era composto pelo chanceler José de Carvalho de Andrade, o arcebispo Dom Frei Manoel de Santa Inês e o coronel Gonçalo Xavier de Brito e Alvim, que mobilizou cerca de 200 homens armados sob o comando do capitão mor, Joaquim da Costa Carneiro.

Destaco a afirmação feita por Narcimária: “Cabe aqui enfatizar que Itapuã abrigava vários quilombos!” (LUZ, 2001, p 73). Ela descreve ainda que a fixação da ideia de que haveria neste território apenas um quilombo, é uma forma de negação da presença negra e indígena no bairro. Acredito no pensamento exposto por ela, de que haviam outros quilombos, que interagiam entre si, perpetuando os valores de sociabilidade negados pela cultura branca dominante da época.

Há poucos registros sobre sociedade que formou o Quilombo do Buraco do Tatu e sobre o seu cotidiano. O principal registro que temos até agora é o mapa, feito no momento da repressão pela tropa que atacou. A partir dele podemos perceber um pouco da sua dinâmica de sociabilidade e do seu forte sistema de defesa. Ao analisarmos a legenda desta cartografia, fica claro o ponto de vista da sociedade da colonial escravista que agia de forma violenta e vigorava na época que temiam e desqualificavam os quilombolas. Fica evidente que havia uma sociabilidade africano-brasileira que estruturava esse quilombo, mas se perdeu com o seu fim.

Nos estudos de Sueli Carneiro (1995), ela traz a citação de Boaventura, aonde ele discorre que essa violência presente no processo colonial, que ocorreu também no Quilombo do Buraco do Tatu é decorre do genocídio, que conseqüentemente é também a tentativa de epistemicídio do povo negro, como podemos perceber na citação abaixo:

(..) o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar,



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais)." (Santos, 1995, p. 328).

Pensando por esta perspectiva, precisamos desmistificar então que o quilombo é apenas uma estrutura disposta para guerra. Beatriz Nascimento (2018) afirma que o colonialismo desagregou o africano enquanto homem, enquanto sociedade e cultura. A formação dos quilombos é sinônimo de união, é o momento em que há possibilidade de retomada do que lhes foi tirado. Não eram apenas um local de abrigo para os negros que fugiam dos castigos corporais e do sistema opressor, era um lugar que poderiam encontrar uma vida com uma organização social. Havia no quilombo uma organização social, com umas relações particulares, que possibilitavam além da resistência cultural a resistência racial do Negro e do Indígena, com uma vida própria deles.

Walidah Imarisha (2016) defende que, toda as articulações políticas são ficções científica. E que por meio do sonho coletivo, que podemos chegar a um mundo novo com possibilidades que não existem no hoje. Em nosso cotidiano acabamos esquecendo de vislumbrar o que pode estar a vir e também de retomar ao passado para encontrar outras alternativas de existir no futuro. Diante disto, trago o termo proposto por ela a "Ficção Visionária", aonde por meio da liberação de nossa imaginação conseguimos questionar tudo o que é existente, conseguindo assim idealizar coisas impossíveis e a partir disto podemos começar a concretizá-las criando assim novos mundos. Destaco aqui um trecho que sintetiza muito bem este conceito: Somos o sonho das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria "irrealista" imaginar um dia em que elas não seriam chamadas propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos.

Imarisha (2016) conceitua também que, a lente histórica imaginária, além de nos levar para futuros visionários é também a possibilidade de irmos para passados visionários. Diante disto que foi apresentado, ousou ficcionar outra narrativa para o Quilombo do Buraco do Tatu e propor a sua localização, tendo como gatilho a possibilidade imaginar novas



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

perspectivas através da Ficção Visionária. Tomo como referência uma série de evidências, que venho encontrando no cotidiano que vivencio como morador de Itapuã e alguns elementos das minhas pesquisas acadêmicas.

O CONQUISTADOR DE VESTÍGIOS

Esta narrativa se inicia em 2019, em Itapuã, um dos bairros da cidade de Salvador. O início desta trama possui um cenário semelhante ao existente atual. Conta a história de um jovem arquiteto negro, nativo do bairro, chamado Gustavo, que após assistir o Documentário do Ernesto de Carvalho (2016): “Nunca é noite no mapa”, fica bem curioso para tentar se encontrar pelo Google Maps e passa a se questionar sobre o seu papel como morador e profissional na construção deste território. Durante as suas voltas pelas ruas através deste mapa virtual ele acaba encontrando a sua avó materna Maria, que é baiana de acarajé indo trabalhar, com um pedaço de pau mão.

Figura 02: A avó Maria indo para a praia trabalhar.



Fonte: Google Maps

Ele tira um print desta imagem e imediatamente manda para o grupo de Whatsapp da família que tem seu irmão Thiago e seus primos mais próximos Deise, Dandara e Ayrton. Isto acarretou em uma “resenha” muito grande entre eles, e uma série de questionamentos para tentar entender do porquê ela estava com esse “porrete” na mão. Como por exemplo:

- “Será que ele estava indo brigar com alguém?”



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

- “Acho que foi para meter nos cachorros que querem comer as passarinhas”
- “Acho que foi só para ninguém querer roubar ela”

Ao encontrar com a avó em sua casa no final deste mesmo dia, Gustavo lhe mostrou esta foto e ela contou então sobre aquele momento em que a foto foi tirada. O pedaço de pau, era na verdade para poder concertar o sobreiro que protege o seu tabuleiro na praia. Todos acabaram errando o motivo e eles contaram as especulações que tinham feito. Em seguida ela contou que quando era criança, na época que morava no interior da Bahia, chamado Sucuri, ela sempre andava com um pedaço de pau, para se proteger dos cachorros do mato e também para poder ajudar a atravessar os riachos. Nesse momento ele acaba descobrindo que a sua avó não era Itapuãzeira, como os moradores chamam as pessoas que nascem e são criados no bairro.

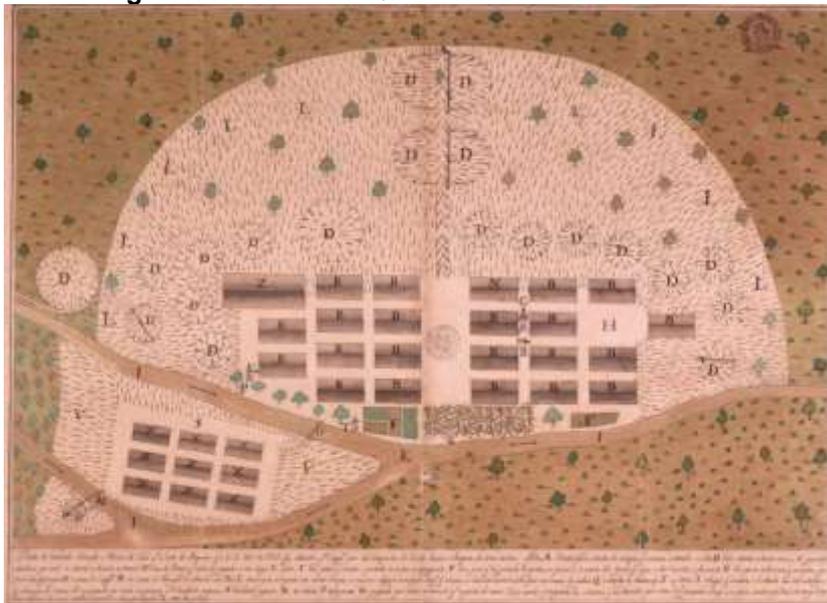
Mesmo para Gustavo, o neto mais velho e que era também o mais próximo da avó, ela não contava seu passado. As histórias mais antigas dela, eram apenas do tempo que ela começou a trabalhar na praia, no período de 70, aonde seus filhos eram adolescentes e ela estava divorciada. Nesse momento o jovem, passou a ficar muito inquieto sobre o passado de Itapuã e também de sua família, de como se deu a chegada dela nesse bairro. A sua avó tinha um grande receio em falar do passado, as respostas eram sempre evasivas, parecia que tinham sido tempos difíceis para ela...

Então ele passa a conversa com outras pessoas mais velhas, buscando entender como surgiu o bairro. Em uma das conversas feita com um professor morador do bairro, Gustavo descobre que o bairro também já havia abrigado o Quilombo do Buraco do Tatu, fato que ele nunca havia ouvido em seus 25 anos de vida. Este professor lhe apresenta um livro que contém o mapa do quilombo e imediatamente ele tenta encontrar algum vestígio da localização desse extinto território. Passa a procurar também em livros, mas em nenhum deles relata aonde de fato ele ficava.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

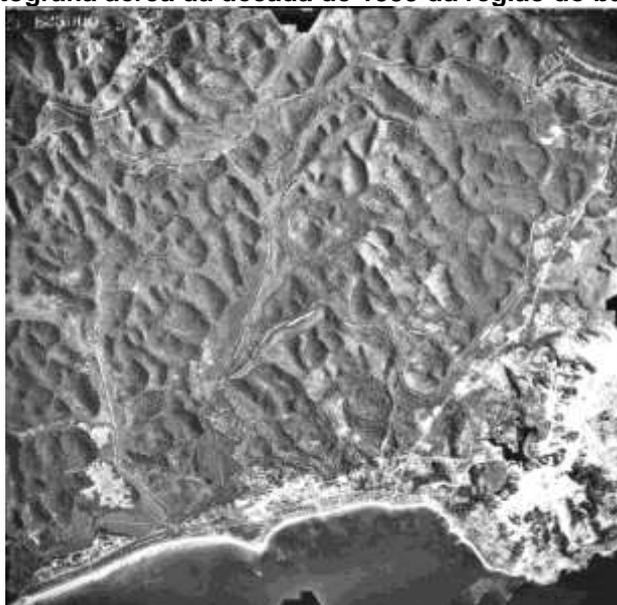
Figura 03: Planta do Quilombo do Buraco do Tatu.



Fonte: Jornal a Tarde.

Ele não desanima pelas buscas do Quilombo, mas acaba encontrando uma série de documentos sobre o bairro do século XX, nas Bibliotecas Públicas de sua cidade. Um destes foi uma fotografia aérea da década de 1959, momento em que ainda possuía poucas casas.

Figura 04: Fotografia aérea da década de 1959 da região do bairro de Itapuã.



Fonte: Conder

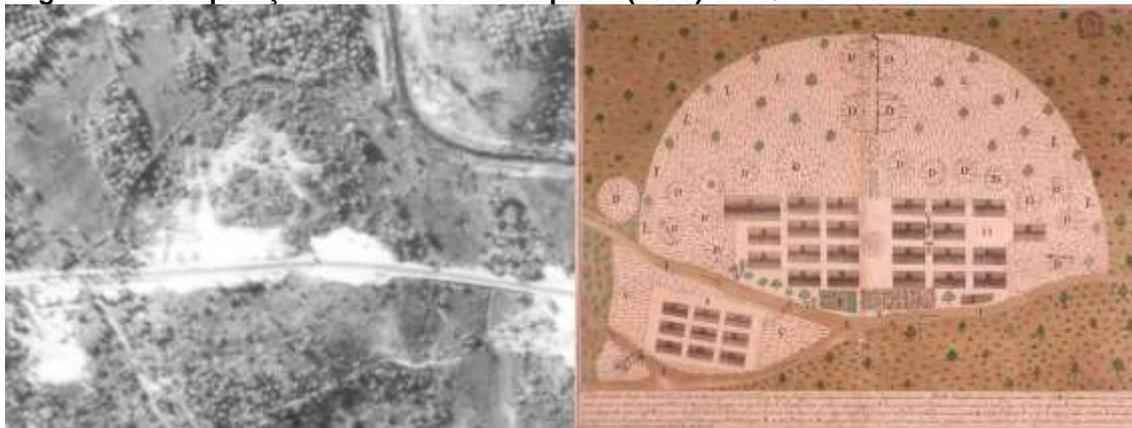
Ao tentar encontrar a sua casa ele acaba percebendo que o formato da ocupação da localidade que ele mora, se parecer muito com o formato do Quilombo do Buraco do Tatu



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

e a região aonde era ocupado por casas no mapa do Quilombo se parece com as áreas que não possuem vegetação da foto aérea. Ao ler os documentos sobre o Quilombo ele encontra outra coincidência muito grande com um dos registros da Narcimária (2012): o quilombo foi atacado no dia 2 de setembro de 1763 pelo Capitão-mor da Conquista do gentio Bárbaro Joaquim da Costa Cardozo e a área em que mora atualmente se chama Nova Conquista. Será que essa Nova Conquista quer dizer a reconquista deste território do quilombo?

Figura 05: Comparação entre a Nova Conquista (1959) e o Quilombo do Buraco do Tatú.



Fonte: Fonte: Conder/ Jornal a Tarde – Adaptação do autor.

Ao comparar informações deste livro, o mapa atual do Google Maps e a planta do Quilombo do Buraco do Tatu, percebe-se uma série de semelhanças: o caminho que liga para o mar é aonde hoje há a Avenida Dorival Caymmi que tem acesso para a praia; os demais caminhos internos seguem as mesmas direções da planta; a disposição das casas continuam retilíneas semelhante ao quilombo; o caminho que era um brejo com as estacas coincide com um dos únicos locais que ainda possuem vegetação na Avenida Dorival Caymmi e ainda preserva uma área alagadiça em seu fundo. Entretanto o que mais lhe intrigou, foi o registro presente no mapa do Quilombo do suicídio uma mulher idosa negra, que eles denominaram como feiticeira. Esse registro está situado próximo à rua que ele mora atualmente, que é a penúltima rua da Nova Conquista e tem o nome de Rua Nossa Senhora da Angustia.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Figura 05: Comparação entre a Nova Conquista (2019) e o Quilombo do Buraco do Tatú.



Fonte: Google Maps/ Jornal a Tarde – Adaptação do autor.

Então Gustavo, procura uma pesquisadora de sua universidade, que vinha estudando uma maneira de voltar no tempo. Era algo arriscado, mas devido ao motivo ela também interessa e decide reativar o desenvolvimento de seu projeto de retorno no tempo. Após longos dias elaborando tentativas, ela consegue lhe enviar para o passado em busca desses vestígios de sua história.

Ao entrar nessa viagem do tempo ele acaba perdendo a sua memória e vai parar em uma mata. Gustavo, fica desesperado por não saber quem é nem aonde ele está e passa muito tempo perdido. Até que encontra dois meninos, um aparentava ter 12 e outro 6 anos, que brincavam próximo a um riacho. Ao avistar o jovem estranho com uma cara de perdido, os meninos o chamam para ir atrás deles e que não era para ele se afastar, pois outros caminhos poderiam mata-lo. Os meninos saem correndo dando muitas risadas, e Gustavo, que estava desorientado, acabou seguindo os dois.

Durante essa corrida, ele percebe que o terreno é bastante “pantanoso”, e que durante o percurso começa a surgir alguns buracos com estacas, o que lhe deixa com bastante medo. Mas ele continua correndo com as crianças, que seguem brincando sem se preocupar muito com aquele cenário, para ele era assustador.

Até que eles chegam a um ponto que parecia ser um buraco, mas que era na verdade um vilarejo. Ao chegar naquele lugar, o jovem tem uma vaga lembrança dele chegando



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

em sua casa. Mas a sua lembrança era bem diferente daquele lugar com pequenas casas de taipa. e com coberturas de palha, as únicas barreiras no horizonte eram as arvores grandes. A sua memória era um lugar com grandes casas e alguns prédios ao fundo que impediam a visão do horizonte.

Ao chegar os moradores questionam de onde havia vindo, mas ele não se recorda e se encontra um pouco debilitado, ao ponto de não conseguir falar muitas coisas. Então os meninos contam que haviam encontrado ele próxima ao riacho e que ele não sabia quem era. Ao perceberem o seu estado, o pessoal o acolhe deixam ele se juntar ao grupo e fazem questão de darem logo comida. Esse ato de afeto foi bem comum para ele, que teve novamente uma lembrança de sua casa, aonde sua avó geralmente dava algo para pessoas estranhas que passavam pedindo algo para comer.

Os dois meninos acabam ficando a todo momento ao seu lado, lhe contando sobre as suas aventuras, o quanto eles gostavam de ir para a praia, apesar de ser muito arriscado, pois poderiam ser presos, mortos ou então perseguidos, revelando a localização de sua casa. Falaram também sobre os lugares que dava para pegar as melhores mangas, dentre outras aventuras que eles viviam.

Ao se recompor Gustavo e os dois meninos saem andando passando de rua em rua. Os meninos mostram a ele o local aonde cultivavam plantas par poder se alimentar, aonde era a fonte para pegar água para beber, lhe explicou sobre os caminhos que ele poderia passar. Gustavo então tem uma lembrança de sua infância, em que seu pai sai andando subindo e descendo as ruas para apenas passar o tempo, mas que fez com que ele gravasse várias informações, que guardou e se lembrou nesse momento. Porém ele ainda não se lembrava de onde tinha vindo.

Após o passeio por todo o território, os três ficaram bem cansados e se sentam próximo a uma fogueira. Gustavo então começa a desenhar no chão com o carvão, os meninos que eram muito agitados, mas nesse momento ficaram quietos desenhando também, algo que não era muito comum para eles. Então Gustavo encontra em seu bolso um papel e pede para os meninos o ajudarem a fazer os caminhos por onde ele poderia ir,



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

para que ele não se machucasse e não se perdesse mais. Eles acabam produzindo um mapa, com a indicação de coisas que eram comuns no seu dia a dia. Que ele guarda em seu bolso.

A avó dos meninos observou desde o momento de sua chegada e se aproxima após eles terminarem de desenhar e chama os três para irem comer a refeição da noite, que ela havia preparado, fazendo questão que este estranho se alimente. Nesse momento o jovem tem uma recordação forte de sua avó e da maneira como ela tratava bem a sua família e as pessoas que sempre se aproximavam de sua casa. Ela o acolhe e o deixa passar a noite em sua casa.

Na hora de dormir, a avó pede para que ele fique atento e que caso aconteça algo ele não se afaste deles. O jovem fica inquieto e o pergunta o que poderia acontecer. A avó então conta que aquele lugar em que os negros procuravam por uma vida nova da que lhes foi imposta aqui nessa terra, era um lugar aonde eles poderia ser livres de sofrimentos e não seriam mais tratados como animais, que ali era o Quilombo do Buraco do Tatu. E que por isto eles estavam, a todo o momento, sujeitos a invasão.

Imediatamente o jovem sente um grande calafrio, se arrepia todo e passa um flashback pela mente do jovem com as memórias de sua infância até os motivos que o fizeram estar ali. Ele sorri ao olhar para aquele ambiente, perceber que era verdade a ficção que ele havia criado. Imediatamente ele faz uma das perguntas que mais o incomodava... Por que se chama Buraco do Tatu?

Então esta senhora lhe responde, dizendo que, primeiro era pelo fato real deles estarem em uma região mais baixa, como uma estratégia de se camuflar e não chamarem tanta atenção; e em segundo, por preservarem a ideia da habilidade do tatu, de se esconder e evitar o combate. Ela contou que eles frequentemente sofriam tentativas de invasões por estarem próximo ao Vilarejo de Itapuã, por isso instalaram essas armadilhas no entorno do local em que ocupavam. Mas que eles tinham em mente também que não poderiam combater os homens brancos caso eles conseguissem invadir. Então, tinham



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

uma rota de fuga aonde iriam para outros locais próximos ao quilombo, caso acontecesse algo.

Ele fica fascinado ao perceber que a história que foi escrita e que ele conhecia era distinta do que de fato aconteceu. E acaba não conseguindo dormir. Infelizmente nesta mesma noite, o que eles mais temiam acontece: os moradores do quilombo avistam a invasão dos homens brancos e fogem para outras localidades. Ao invadirem eles acabam não encontrando ninguém, o que os deixam muito bravos. Mas como eles não poderiam deixar o quilombo intacto e nem retornar sem nenhum registro de prisioneiros, os invasores elaboram um relato descrevendo como teria sido o ataque, mas que de fato não aconteceu. Em seguida, destroem toda estrutura do quilombo e passam a vigiar este espaço que posteriormente passam a vender, como se fosse só um pedaço de terra.

Durante a fuga, Gustavo acaba retornando inesperadamente para o seu presente em 2019 sem nem se despedir das pessoas que lhe acolheram. Ao retornar ele acaba perdendo novamente a sua memória. Ao despertar, ele e a pesquisadora ficam frustrados achando que a tentativa deles teria sido falhado. Em casa, ao retirar as coisas do bolso, ele então encontra o mapa, que fez com os dois meninos do extinto Quilombo do Buraco do Tatu e se lembra de tudo que aconteceu, em sua volta no tempo...

CONCLUSÃO

A proposta da criação da ficção deste passado Visionário é um caminho para a criação de novas perspectivas diante das entrelinhas dos registros de nossa história e das marcas do tempo presente também em nosso espaço.

Itapuã possui uma série de lendas que acompanham a sua história, desde as primeiras ocupações no período em que o bairro era habitado pelos dos indígenas como por exemplo o conto da Índia de pele branca com cabelos pretos que se transformou na Abaeté, até contos mais recentes como o do Sereio que apareceu misteriosamente no final do ano de 2018, nas praias da região e nadava sobre uma tartaruga sobre o mar e virou um viral nos grupos de Whatsapp. Diante disto, ouse-me a criar mais conto de teor



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ficcional, que não é apenas uma história lúdica, ela assim como as demais relata fatos sobre a formação deste bairro.

A junção dos diversos elementos que foram apresentados, podem ser as primeiras pistas que irão nos ajudar a identificar o território aonde se localizava o Quilombo do Buraco do Tatu. É necessário, entretanto, que haja a realização de estudos arqueológicos e historiográficos mais aprofundados sobre o tema, que no momento ainda não estão no meu alcance.

REFÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CARVALHO, Ernesto de. Nunca é noite no mapa. Recife, 2016. Disponível em: < <https://vimeo.com/175423925>>. Acesso em: 30 de setembro de 2019

DÓREA, Luiz Eduardo. Os nomes das ruas contam histórias. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1999. pág. 24.

IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Oficina de Imaginação Política - 32ª Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.

LUZ, Narcimária do Patrocínio. Itapuã: da ancestralidade africano-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2012. 265 p.

MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias de destruição. Maria Baetrix Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488 páginas. 1º Edição.

SALVADOR. Órgão Central de Planejamento/PRODESO. Itapuã: Programa de Urbanização Popular. Salvador: [s.n.], 1977. 20 p.

SILVA, Paulo R. Guimarães da. Identidade, territorialidade e ecologismo: o caso da lagoa do Abaeté. Cad. CRH. Salvador, n.18, p.117-137, 1993.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, roceiros e rebeldes. São Paulo: Edusc, 2001 – Tradução de Jussara Simões.